

OS PRETÉRITOS COM REDÔBRO

O artigo que segue é um pequeno estudo apresentado na Faculdade de Letras de Lisboa como trabalho escolar exigido pelo regulamento vigente.

Um amigo que muito prezo aconselhou-me a publicá-lo, depois de obtida a necessária autorização do professor catedrático a quem tinha sido entregue aquele ensaio filológico. Ora o Ex.^{mo} Senhor Doutor Gustavo Cordeiro Ramos, muito ilustre professor da secção de Filologia Germânica daquela Faculdade, não só me concedeu a licença pedida, mas ainda me deu conhecimento de que as hipóteses apresentadas por mim como remate daquele trabalho já constituíam o objecto de duas teo-



C. M. SOARES DE AZEVÊDO

rias, por mim desconhecidas, formuladas na Alemanha. Aqui lhe deixo consignado o meu reconhecimento por me ter facultado a consulta do valioso livro do *Dr. C. Karstien*, «Die reduplizierten Perfekta des Nord — und Westgermanischen», (Giessen, 1921), onde vem historiado e largamente analisado este problema que este autor também tenta solucionar.

Do confronto das hipóteses por mim formuladas com vá-

rias teorias que ali encontrei (sobretudo a de *Wilhelm Scherer* sobre o acento e a de *Richard Loewe* sobre a haplologia), resultou para mim o convencimento de que a minha escassez de conhecimentos filológicos (principalmente na parte bibliográfica) me fizera perder precioso tempo na elaboração de hipóteses que, já há largos anos, outrem formara sem eu o saber.

Como consolação, fica-me apenas a lembrança de que, se, neste assunto, pensei erradamente, o mesmo já tinha sucedido a filólogos tão ilustres como Richard Loewe e Wilhelm Scherer.

E, visto que, a-pesar-de tudo, este problema nunca foi tratado em português (que eu saiba), publico este desprezencioso estudo tal qual o concebi, pois a engenhosa teoria de Karstien (*Funktionslosigkeit*) não me parece a melhor, a que todos esperamos, a definitiva.

*

No tempo em que tive de travar conhecimento com o latim, topei logo nesta língua com um facto que me atraíu a atenção, despertando em mim o desejo de lhe conhecer a origem:— eram os pretéritos com redôbro. Achava curiosa e singular a existência das formas *cēcīdī*, *cēcīdī*, *mōmordī*, *cūcurrī*, etc. a par de *cādo*, *caedo*, *mordeo*, *curro*, etc.

Mas os anos passaram, e novas necessidades e outras aspirações vieram preocupar-me. Contudo cá dentro ficara o gérmen daquele desejo e, quando, nos meus estudos posteriores, se me deparou a primeira alusão a verbos com redôbro nas línguas germânicas, novamente aquele desejo me tomou, desenvolvendo-se e assumindo forma nítida. E, ao ver que a lei me forçava a apresentar um trabalho escrito sobre «Gramática comparativa das línguas germânicas»,

lembrei-me de escolher para tema os pretéritos com redôbro.

Folheei, consultei, li os vários livros de que pude lançar mão. Mas, infelizmente, nem as obras de Brugmann, Wilmans, Meillet, Victor Henry, Ernout, Lindsay, Riemann, Curtius, nem mais alguns compêndios que pude ver me satisfizeram aquela pretensão. Todavia, depois de repensado o que a este respeito li e de confrontado com factos de observação corrente, ficaram-me no espírito algumas noções que não julgo completamente errôneas e que passo a expor aqui:

*

Nos tempos remotíssimos em que o Indo-europeu era a língua desse povo que, multiplicando-se e fraccionando-se, veio, no transcurso dos séculos, a cobrir a Europa e grande parte do continente asiático, a reduplicação das palavras para exprimir modalidades da mesma ideia devia ser um *processus* lingüístico favorito.

Ainda hoje se observa a formação onomatopaica de inúmeros vocábulos por juxtaposição ou aglutinação de sílabas iguais ou semelhantes. Alguns exemplos: port. *cochichar*; cast. *cuchichear*; fr. *chuchoter*; it. *bisbigliare*; ingl. *tittle-tattle*; al. *Kuckuck*; ingl. *cuckoo*; fr. *coucou*; port. *cuco*.

E até várias funções gramaticais são desempenhadas do mesmo modo, como se verá nas seguintes formas do português popular e dialectal, algumas das quais (v. g. a repetição do adjectivo) também se encontram no literário:

a) Formação do plural dos substantivos: *senhor senhor* (nos dialectos crioulos de Cochim e de Java); *tud crianç-crianç* (no dialecto crioulo de Mangalor); *nhónhanhônha* (<> *senhora-senhora*); e, por dissimilação, *nhónhônha* (no dialecto de Macau). (V. Dr. J. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie Portugaise», pp. 171, 173, 180 e 182).

b) Gradação dos adjectivos: *lindo, lindo (<> muito lindo)*, «*Eram brancas, brancas, brancas*» (Garrett, «As minhas asas»). Cfr. *bombom* (< fr. *bonbon*), actualmente já substantivo, mas que tem a mesma origem.

c) Iteração da acção que os verbos exprimem: *Ele bate, bate, bate* (ou *Ele bate que bate*), *sem que lhe abram a porta*.

Ora estes mesmos fenómenos se notavam já no Indo-europeu (Cfr. sânscrito *priyás-priyas*, muito caro; lat. *mē mē*, precisamente eu; antigo alto alemão *selbselbo*, pròpria-mente o mesmo); e é fácil de conceber que a repetição da forma verbal adquiriu novas significações, passando de iterativa a intensiva e, em alguns verbos, a designativa de vários tempos, sobretudo do Pretérito.

Assim, ainda podemos ver no grego alguns vestígios de redôbro no Presente e até no latim. Ex.: Gr. *δί-δω-μι*, dou (tema do presente *δι-δο* < tema puro *δο*), *τίθη-μι*, ponho (tema do presente *τι-θε* < tema puro *θε*, achando-se a aspirada substituída pela surda correspondente, porque, no redôbro, o grego evita a união imediata de duas sílabas que comecem por aspirada), e *ἵ-σταν-μι*, coloco (tema do presente *ἵ-στα* por *σι-στα*, pois o *σ* inicial antes de vogal transforma-se em *espírito áspero*; cfr. latim *sisto*); lat. *gi-gn-o* por *gi-g(ě)n-o*, gerar, *si-st-o* por *si-st(ă)-o*, fazer parar, *sě-ro* por **si-s(ă)-o*, semear (com o *s* mudado em *r* pelo rotacismo intervocálico). Cfr. também gr. *μωρ-μύρω*, murmurar borbulhando, lat. *mur-murāre*, e gr. *δι-δάσκω*, ensino (tema do presente *δι-δωχ*), lat. *disco* por **di-dc-sco*, verbo curioso porque sofreu novo redôbro no Pretérito (gr. *δε-διδάχ-α*, lat. *dī-dīc-ī*), o que prova ter já desaparecido a consciência do redôbro primitivo, numa ocasião em que ainda tinha vitalidade a duplicação como meio de formação do Pretérito.

A passagem a *intensiva* da significação *iterativa* do redôbro, nota-se bem confrontando a locução portuguesa *puxa*

que *puxa* com a já citada *bate que bate*. Quando se diz «*Éle puxa que puxa, mas não segura o barco*», não se quer significar que se puxa repetidas vezes, mas que se puxa fortemente, intensamente.

A aquisição do sentido de pretérito por meio do redôbro seria talvez devida a considerar-se, ao princípio, a repetição do radical do verbo como indicativa do Presente Perfeito (ou Pretérito Indefinido, como vulgarmente se diz), passando por fim a Pretérito Perfeito. Assim, o Indo-europeu **«egóm skait-ō skait-ō»* (índico antigo *ci-chēda*, latim antigo *sci-(s)cīd-ī* [*< scindo*; cfr. gr. *σχίζω*, fendo], gótico *skai-skaith*) significaria primeiramente «*tenho fendido*» e, em seguida, «*fendi*». Depois, ter-se-ia mantido a desinência pessoal apenas na última forma **«egóm skait-skaitō»*, perdendo-se em seguida a consoante final da primeira sílaba e alterando-se o timbre e a quantidade dos fonemas vocálicos desta, como pode ver-se nas supra-citadas formas do grego, do latim e do gótico.

Mas o sentido da independência da sílaba do redôbro não se perdeu no Indo-europeu, pois em documentos de línguas muito próximas d'ele (sânscrito e grego) ainda aparecem vestígios disso, como, por exemplo: a) a incidência simultânea do acento nas duas partes do verbo (sânsc. *bál-balíti*); b) a oscilação do acento que ora recai numa ora noutra sílaba (sânsc. *da-dhī́ta* e *dá-dhī́ta*); c) a variação na quantidade da sílaba final do redôbro (sânsc. 3.^a pes. sing. *bhárī-bharti*, 3.^a pes. pl. *bhárī-bharti*; gr. de Homero *δη-δέχεται*, que em *Curtius* aparece erroneamente ortografado *δειδέχεται*, iónico moderno *ἐδέχθη*); etc.

Todavia o acento em Indo-europeu, a-pesar-de ser realmente *tónico*, isto é, *musical*, alguma acção exercia sobre as sílabas postónicas; e, quando recaía na sílaba do redôbro, provocava o enfraquecimento da sílaba imediata, sobretudo quando se lhe seguiam certas desinências pessoais. Daí, en-

contrarmos em regra o *grau reduzido* no plural do Pretérito, enquanto o singular dêste tempo nos apresenta o grau 0. É o que se observa no Pretérito reduplicativo grego μέμνηται (1.^a pes. sing.) e μέμαμεν (1.^a pes. pl.) < μέμνη-μεν. Também do confronto do lat. *stě-tī-mus* com o gr. ἔσταμεν, parece poder concluir-se que nestas formas havia o mesmo *grau reduzido*.

Ora, enquanto dêste modo a estrutura do Pretérito reduplicativo se ia alterando no Indo-europeu, por outro lado a deslocação do acento da sílaba do redôbro fazia enfraquecer esta, que passava a ser considerada como simples prefixo (v. g. Indo-eur. **de-dorke*, sânsc. *dadārça*, gr. δέδορκε; cfr. lat. antigo *cecurri*, *memordi*, posteriormente *cucurri*, *momordi*, por assimilação) que, pela conhecida tendência haplológica (cfr. lat. *idolatria* por **idolo-latria*), se sincópava quando se lhe antepunha outro prefixo. Por isso no latim clássico, nos aparecem *concurri*, *incurri*, *impēgi* (Presente, *impingo*), a par de *cucurri* e *pēpigi* (Presente, *curri* e *pango*). E depois, por analogia, deu-se a queda da sílaba inicial dos Pretéritos reduplicativos até em alguns verbos simples. É assim que ainda no latim antigo existiam as formas *scīcīdi* (Presente, *scindo*) e *tētūli* (Presente, *tollo*), encontrando-se vestígios da última no latim clássico *attūli* (< *at-tētūli*) e *rettūli* (< *re-tētūli*).

Contudo, ¿como explicar a manutenção do redôbro em alguns verbos, paralela à queda dêste noutros?

Seja-me permitido transcrever as seguintes palavras de Lindsay em «A Short Historical Latin Grammar» (p. 114) que sinteticamente expõem os três modos de formação do Pretérito dos *verbos primários* em Indo-europeu:

«Although the I.-Eur. Perfect had as a rule a Reduplicated stem, there were a few Unreduplicated Perfects, e. g. *woid-*, the Perfect-stem from the root *weid-*, 'to see, know' (Greek *oīda* represents the Active, Lat. *vīdī* the Middle), *sēd-*, the

Perfect-stem from the root *sēd-*, 'to sit' (Lat. *sēdī*). In the second example the raising of the root-vowel from *ě* to *ē* seems to take the place of Reduplication, parallel to which we find in Latin *pēgi* (beside *pěpīgi*), *lēgi* (root *lēg-*), *ēgi* (root *ag*) and the like. But undoubtedly the original Perfect-type had Reduplication, and most apparently Unreduplicated Perfects in Latin like *tūli*, *scīdi* were Reduplicated at an earlier period of the language, and lost their Reduplication first in Compounds under the Early Accent Law, then by analogy in the Simple Verb also».

Havia, portanto, no Indo-europeu:

a) *Pretéritos reduplicativos* que eram os mais abundantes;

b) *Pretéritos apofónicos* com o grau *o* (v. g. *woid- < √weid-*);

c) *Pretéritos com alongamento* da vogal do Presente (v. g. *sēd- < √sēd-*).

Porém, com o decorrer do tempo, estes três modos de formação do Pretérito influenciaram-se reciprocamente dissó resultando, num dado período daquela língua, a existência de mais as seguintes variedades:

d) *Pretéritos reduplicativo-apofónicos*;

e) *Pretéritos reduplicativos com alongamento*;

f) *Pretéritos apofónicos com alongamento*.

Ora, ao lado dêstes seis modos de formação do Pretérito, ainda surgiu outro, o dos *verbos derivados* que resultavam da aposição, a temas nominais, de sufixos próprios seguidos das desinências pessoais.

Esta complicação inútil havia de forçosamente ser dominada pela tendência para a simplificação e regularização que se observa na linguagem popular. E assim, após a selecção subsequente, deviam ter ficado estas espécies de Pretérito;

a) *Reduplicativa*, quando os fonemas vocálicos do Presente eram iguais aos do Pretérito;

b) *Apofónica*, quando os graus das vogais do radical eram diferentes no Presente e no Pretérito;

c) *Derivativa*, que compreendia todos os verbos formados por *sufixação* (hoje chamados *fracos*) e que veio a desempenhar um papel importantíssimo nas línguas modernas, contaminando muitos dos verbos *primitivos* ou *primários* que hoje pertencem já à categoria dos *fracos*.

*

Admitida esta hipótese, resultante, como já disse, do que li, observei e meditei, não parecerá estranha a ausência de Pretéritos com redôbro patente no Inglês e no Alemão.

Achando-se estas línguas num estado de simplificação bastante adiantado em relação ao do Indo-europeu, são-lhes suficientes duas maneiras de formação do Pretérito: a *apofónica* (nos verbos *fortes*) e a *derivativa* (nos verbos *fracos*). No Gótico, porém, ainda havia, ao lado dos verbos *fracos*, três variedades de verbos *fortes*:

a) *apofónicos* — v. g. *giban* (Infin.), *gaf* (Ind.-Pret. 1.^a pes. sing.), *gëbum* (Ind.-Pret. 1.^a pes. pl.), *gibans* (Part. Pret.), dar (al. *geben*, ingl. *give*);

b) *reduplicativos* — v. g. *haldan*, *haihald*, *haihaldum*, *haldans*, segurar (al. *halten*, ingl. *hold*);

c) *reduplicativo-apofónicos* — os seis seguintes: 1) *grétan*, *gaigrót*, *gaigrótum*, *grétans*, chorar; 2) *létan*, *lailót*, *lailótum*, *létans*, deixar; (al. *lassen*, ingl. *let*); 3) *rédi**an*, *rairóth*, *rairóthum*, *rédi**ans*, aconselhar (al. *raten*, ingl. *read*); 4) *tékan*, *taitók*, *taitókum*, *tékans*, tocar; 5) *saia*, *saisó*, *saisóum*, *saia**ns*, semear (al. *säen*, ingl. *sow*); 6) *waia*, *waiwô*, *waiwôum*, *waia**ns*, soprar (al. *wehen*).

Victor Henry, no seu «Précis de Grammaire Comparée de l'Anglais et de l'Allemand», diz que o desaparecimento do redôbro no Inglês e no Alemão foi provavelmente devido

a ter deixado de se pronunciar o *h* intervocálico em formas como esta do *Urgermanisch* **hē-hāld-ē* (cfr. gótico *hai-hald*), do que resultou o encontro de duas vogais que se fundiram produzindo uma vogal longa de timbre claro (**hēldē*) que deu *ie* [i:] em alemão (*hielt*) e *e* [e] em inglês (*held*). Depois, a analogia teria feito sincopar-se a consoante igual à inicial nos outros Pretéritos reduplicativos e ter-se-ia dado contracção vocálica idêntica à indicada supra. E, como no anglo-saxão aparecem os Pretéritos *héht* (Presente, *háte*), *leolc* (Pres., *láce*; nesta forma e na seguinte nota-se a *fractura anglo-saxónica*) e *reord* (Pres., *ráede*), é de presumir que no *Germânico primitivo* houvesse os radicais do Pretérito **hē-ht-*, **le-lc-* e **rē-rd-*, o que se harmoniza com o facto de, no Indo-europeu, o plural do Pretérito apresentar o *grau reduzido* da vogal do radical. Ora, ficando sem apoio vocálico, a consoante interna igual à inicial cairia, para o que concorreria a analogia com a queda do *h* intervocálico a que fiz acima referência. Depois dar-se-ia a contracção e a evolução vocálicas já mencionadas.

Mas pergunto eu: ¿E, quando a consoante de que se trata era capaz de formar sílaba com a vogal anterior (como no caso das soantes *-l-* e *-r-* que aparecem em *leolc* e *reord*), como justificar a sua queda?

¿Não será preferível explicar o desaparecimento do redôbro pela acção combinada do acento de intensidade inicial, que faz enfraquecer as sílabas subseqüentes, e da tendência haplológica que se observa em várias línguas (v. g. lat. *dixti* por *dixisti*, *nutrix* por *nutritrix*, *sēmodius* por **semi-modius*; port. *idoso* por **idado*, *cuidoso* a par de *cuidado*, etc.) como manifestação da lei universal do mínimo esforço?

•

E com esta interrogação termino este pequeno trabalho,

com a convicção de que é preferível alinhar qualquer estudo com dúvidas e interrogações, a repetir com palavras diferentes o que se encontra exposto nos compêndios escolares.

Lisboa, Maio de 1928.

Celestino Monteiro Loureiro de Almeida